

A REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS

José Aderaldo Castello*

Pedem-me que escreva sobre a criação da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Ela nasceu depois dos três primeiros anos do IEB e desde logo se tornou seu principal veículo de difusão. Nos seus antecedentes situam-se a administração de Sérgio Buarque de Holanda como diretor e de Aroldo de Azevedo como vice-diretor, de outubro de 1962 a 1964. Também, o primeiro ano da diretoria de Egon Schaden, agora com Sérgio Buarque de Holanda como vice. Foi quando se deu a transferência da sede do Instituto, de dependências do prédio hoje chamado da Antiga Reitoria, para local melhor aparelhado, em espaço recém-inaugurado, o Edifício Geografia e História. Então, principia, de fato, a projeção interna e externa da instituição, com a criação do Setor de Pesquisa, sob a chefia de Sérgio Buarque de Holanda; do Departamento de Filmes Documentários, com Paulo Emílio Sales Gomes; e do Setor Cultural, sob minha responsabilidade. Cabia a este último a promoção de cursos de extensão e de especialização, intercâmbio com instituições e especialistas no país e no estrangeiro, congressos, seminários e publicações.

Como parte do programa editorial, apresentamos, juntamente com Egon Schaden, proposta de fundação de um periódico, cujo primeiro número seria lançado em 1966. Quais os objetivos? Sem dúvida os do próprio IEB, quer dizer, voltados exclusivamente para os estudos brasileiros; colaboradores: convidados e espontâneos, entre especialistas; diretor (inicialmente designado "responsável"): a escolha recaiu em mim, por indicação do Conselho de Administração, que assumiu a função de Conselho Consultivo da Revista; planejamento de conteúdo: Artigos, a serem classificados por áreas de estudos, Resenhas, Comunicações e Noticiário.

Quanto ao planejamento gráfico, novamente com Egon Schaden, principiamos pela escolha do título. Devia ser indicativo da natureza, vinculação e objetivos, a saber, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, em que o genérico, revista, se especifica de maneira inconfundível pela própria instituição, que ela representa.

* Professor da FFLCH/USP e ex-Diretor do IEB.

Capa: despojada, contaria com a participação triplíce de Eduardo Kneese de Mello, Benedito Lima de Toledo e minha. É difícil individualizar a sugestão de cada um, quando se parte de um princípio geral. Lembro de novo a idéia básica: sempre despojamento e simplicidade. Utilizar-se-ia o menos possível o espelho, colorido por igual - para cada número uma cor -, de maneira que o vazio ressaltasse tanto o título em caixa alta e negrito, em linha corrida no extremo superior, quanto no rodapé, com impressão também em preto, uma ilustração que se estenderia da primeira capa, passando pelo dorso até a metade da última capa.

No caso da imagem ou ilustração, a escolha devia ser de símbolo que fosse alusivo ao Brasil. Acatou-se a sugestão de Eduardo Kneese de Mello da reprodução fotográfica da Banca (bancada ou mesa) de Comunhão da Igreja de São Miguel Paulista. Lembro-me ainda do seu comentário, se não me engano em atribuição a Rodrigo de Mello Franco, de que se tratava de legítima, ou da mais autêntica, obra de talha brasileira, do período colonial. No dorso da capa, a tradicional e complexa indicação tipográfica - série, volume, tomo, número, periodicidade - se reduzia apenas à indicação de número, abaixo da reprodução do título, em linha vertical. Assim, observava Egon Schaden, a revista se livraria do compromisso de publicação sujeito à rigidez da periodicidade e surgiria sempre atualizada. Finalmente, na última capa, em prolongamento da ilustração, apenas a identificação da bancada. E, internamente, arrematando cada colaboração, vinhetas em reprodução reduzida de fotografias cedidas por Kneese de Mello, do todo ou de detalhe de obras de arte e arquitetônicas brasileiras de importância histórica. Como não dispúnhamos de funcionários destinados ao Setor Cultural, os trabalhos de revisão, além de outras importantes atividades, contaram com a colaboração inestimável do corpo de pesquisadores do IEB, já formado e em plena atividade intelectual.

Durante seus trinta anos de existência, a *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* tem-se mantido sempre fiel a si mesma. Cria sua tradição conforme com aqueles fundamentos de origem, sem dúvida de amplo alcance, no que muito deve ao nível dos seus colaboradores e responsáveis.

E assim o digo com desculpas pela minha inclusão neste relato. Pois mesmo me conduzindo pelo esclarecimento do documento, parece inevitável, em caso semelhante, a pressão do peso, sempre grato, da carga afetiva da memória.